

Brasil

FH culpa a todos por juros 'escorchantes'

Presidente afirma em Paris que taxas resultam da perversidade intrínseca da situação política do País"

RIBAMAR OLIVEIRA
Enviado Especial

PARIS — Numa conversa que teve ontem com cerca de 80 empresários brasileiros — realizada no Palácio Marigny, onde ficou hospedado — o presidente Fernando Henrique Cardoso disse que as elevadas taxas de juros, que qualificou de "escorchantes", resultam "da perversidade intrínseca da situação política do País". Para ele, essa situação criou "uma espécie de irresponsabilidade coletiva" que leva as pessoas a considerarem o governo uma coisa e a sociedade outra.

A irresponsabilidade coletiva estaria na idéia de que o governo pode criar dinheiro e, mesmo assim, não fornece os recursos na quantidade exigida pela sociedade. "As pessoas não percebem que o governo manobra em condições existentes e quando produz dinheiro arrasa a sociedade com a inflação", disse.

Para Fernando Henrique, sem a inflação, ficou visível no Brasil como o cobertor é curto. "Ou nós espichamos o cobertor, ou vamos sentir frio nos pés", afirmou. Um empresário gritou no meio da platéia: "O corpo também pode encolher." Fernando Henrique reagiu de imediato: "Mas isso eu não sei fazer e se fizer vocês terão que garantir a anestesia."

As declarações do presidente foram provocadas pelo empresário Mário Amato, ex-presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), que se queixou do diferencial das taxas de juros interna e externa. Para Amato, esse problema está destruindo a indústria de máquinas. "Com a diferença de juros, importar máquinas ficou mais barato do que de graça."

Fernando Henrique admitiu que a principal inquietação do País atualmente é a taxa de juro elevada. Mas advertiu que pedir a queda dos juros é fácil. "Difícil é pedir para que o Congresso vote as reformas necessárias para o equilíbrio das contas públicas, que vai permitir reduzir as taxas sem provocar inflação." Disse que os juros estão caindo e vão cair ainda mais. Mas não deu prazo nem especificou o ritmo da queda.

Proálcool — Durante a conversa, o presidente fez uma veemente defesa do Programa Nacional do Álcool (Proálcool). "Sou partidário ardoroso do Proálcool", anunciou. "É preciso avaliar esse programa também do ponto de vista da criação do emprego e da melhoria do meio ambiente."

De acordo com ele, os Estados Unidos e Europa começaram a discutir a mistura do álcool na gasolina. "Esses países terão que optar entre destinar terras para cana-de-açúcar ou de beterraba e para a produção de alimentos, pois não possuem mais fronteiras agrícolas."

José Paulo Lacerda/AE



FH e Malan: defesa da política econômica durante reunião em Paris com empresários brasileiros